

Batalha no largo do

Machado

Como vos apertais! Operários em construção civil, empregados em padarias, engraxates, jornaleiros, lavadeiras, cozinheiras, mulatas, pretas, caboclas, massa torpe e enorme, como vos apertais! E como a vossa marcação é dura e triste! E sobre essa marcação dura a voz do samba se alastra rasgada.

"Implorar
Só a Deus

Mesmo assim às vezes não
[sou atendido
Eu amel..."]

E' um profundo samba orfeonico para as amplas massas. As amplas massas imploram. As implorações não serão atendidas. As amplas massas amaram. As amplas massas hoje estão arrependidas. Mas amanhã outra vez as amplas massas amarão. As amplas massas agora batucam... Tudo avança batucando. O batuque é uniforme. Porem, dentro dele há variações bruscas, sapateios duros, reviramentos tortos de corpos no apertado. Tudo contribui para a riqueza interior e intensa do batuque. Uma jovem mulata gorducha pintou-se de bigodes com rolha queimada. Como as vozes se abrem espremidas e desiguais, rachadas, ritmadas, e rebentam, machos e femeas, muito para cima dos fios electricos, perante os bondes paralisados, chorando, altas, desesperadas!

Como essas estragadas vo-

zes mulatas estalam e se arastam no ar, se partem dentro das gargantas vermelhas. Os tambores surdos fazem o mundo tremer em uma cadencia negra, absoluta. E no fundo a cuica geme e ronca, nos puxões da mão negra. As negras estão absolutas com seus corpos no batuque. Vede que vasto crioulo que tem um paletó que já foi dolmã de soldado do Exercito Nacional, tem um gorro vermelho, calças de casemira arregaçadas para cima do joelho, botina sem meia e um grande guarda-chuva preto rasgado, a boca berrando, o suor suando. Como são desgraçados e puros, e aquela negra de papolotes azuis canta como se fosse morrer. Os ranchos se chocam, berrando, se arrebentam, se misturam, se formam em torno do surdo de barril, à base de cuicas, tamborins e pandeiros que batem e tremem eternamente. Mas cada rancho é um e integro, apenas os cordões se dissolvem e se reformam sem cessar, e os blocos se bloqueiam.

Meninas mulatas, e mulatinhas impuberes e puberes, e moças mulatas e mulatas maduras, e maduronas e estragadas mulatas gordas. Morrãam as raças puras, morrissimam elas! Vede tais olhos ingenuos, tais bocas de mulatas! Vozes de mulata, cantal, condenadas, imploral, imploral só a Deus,

(Conclui na pag. 5 deste cad.)

27.2.49

28.2.59 - Mundo Ilustrado, n.º 62

Flóresia ca 938

"O Conde e o passarinho",
Fev, 1938

BATALHA NO LARGO DO MACHADO...

(Conclusão da 1.ª pag. deste cad.)

nem a Deus, à noite escura, arrependidas.

Pudesse um grande sol se abrir ao véu da noite, mas sem deturpar nem iluminar a noite, apenas se iluminando, e ardendo, como uma grande estrela do tamanho de três luas pegando fogo, cuspidor fogo, no meio da noite! Pudesse esse astro terrível chispar, mulatas, sobre vossas cabeças que batucam no batuque.

O apito comanda, e no meio do cordão vai um senhor magro, pobre, louro, que leva no colo uma criança que berra, e ele canta também com uma voz que ninguém pode ouvir. As caboclas de cabelos pesados na testa suada, com os corpos de selos garganta e duros, caboclos, marcando o batuque. Os negros e mulatos inumeráveis, de macacão, de camisetas de seda de mulher, de capa de gabardine apenas, chapéus de palha, cartolas, caras com vermelhão. Batucam!

Vai-se formar uma briga feia, mas o cordão berrando o samba corta a briga, o homem fantasiado de cavalo dá um coice no soldado, e o cordão empurra e ensurdece os briguentos, e tudo roda dentro do samba. Olha a clarineta quebrada, o cavaquinho oprimido, o violão que ficou surdo e mudo, e que acabou reventando as cordas sem se fazer ouvir pelo povo e se mudando em caixa, o pau batendo no pau, o chocalho de lata, o tambor marcando, o apito comandando, os estandartes dançando, o bundum pesando.

Mas que coisa alegre de repente, nesses sons pesados e negros, uma sanfoninha cujos sons tremem vivos, nas mãos de um moleque que possui um olho furado. Juro que iam dois aleijados de pernas de pau no meio do bloco, batendo no asfalto as pernas de pau.

Com que forças e suores e palavrões de barqueiros do Volga esses homens imundos esticam a corda defendendo o território sagrado e movel do povo glorioso da escola de samba da Praia Funda. No espaço conquistado as mulatas vestidas de papel verde e amarelo, barretes brancos, bertram prazenteiros e graves, segurando arcos triunfais individuais de flores vermelhas. Que massa de meninos no rabo do cortejo, meninos de oito anos, nove, dez, que jamais perdem a cadencia, concebidos e gerados e crescidos no batuque, que batucarão até morrer.

De repente o lugar em que estais enche de mais, o suor negro e o soluço preto inundam o mundo, as caras passam na vossa cara, os braços, as gargantas que cantam exigem de vossa garganta o canto da igualdade, liberdade, fraternidade. De repente, em redor o asfalto se esvazia e os sambas se afastam em torno, e vedes o chão molhado, e ficais tristes, e tendes vontade de chorar de desespero.

Mas, outra vez, não para nunca, a massa envolve tudo. Pequenos cordões que cantam marchinhas esgoeladas correm empurrando, varando a massa densa e ardente, e no coreto os clarins da banda militar estalam.

Febronio fugiu do manicômio no chuvoso dia de sexta-feira, 8 de fevereiro de 1935... Foi preso no dia 9 à tarde. Neste dia de domingo, 10 de fevereiro, pela manhã, o Diário de Notícias publica na primeira página da segunda edição:

"A sensacional fuga de Febronio do Manicômio Judiciário, onde se achava recolhido, desde 1927, constituiu um verdadeiro pavor para a população carioca. A sua prisão, ocorrida na tarde de ontem, veio trazer a tranquilidade ao espírito de todos, inclusive ao das autoridades que o procuravam."

Que reporter alarmado! Injuriou, meus senhores, o povo e as autoridades. Encostai-vos nas paredes, população! Mas eis que na noite do dia chuvoso de domingo, 10 de fevereiro, ouvimos:

"Bicho Papão

Bicho Papão

Cuidado com Febronio

Que fugiu da detenção..."

Isso ouvimos no largo do Machado, e eis que o nosso amigo Miguel, que preferiu ir batucar em Dona Zu mira, lá também ouviu, naquele canto glorioso de Andaraí, a mesma coisa. Como se esparrama pelas massas da cidade esparramada dessa improvisação de um dia? As patas inumeráveis batem no asfalto com desespero. O asfalto porventura não é vosso eito, escravos urbanos e suburbanos? A cuica ronca, ronca, ronca, estomacal, horrível, é um ronco que é um soluço e eu também soluço e canto, e vós também fortemente cantais bem desentoados com este mundo. A cuica ronca no fundo da massa escura, dos agarramentos suados, do batuque pesado, do bodum. O asfalto está molhado nesta noite de chuvoso

domingo. Ameaça chuva, um trovão troveja. A cuica de São Pedro também está roncando. O céu também sente fome, também ronca e soluça e sua de amargura?

Nesta mormacenta segunda-feira de 11 de fevereiro, um jornal diz que "a batalha de confete do largo do Machado esteve brilhantíssima".

Reporter cretiníssimo, sabe! que não houve lá nem um só miserável confete. O povo não gastou nada, exceto gargantas, e dores e almas, que não custam dinheiro. Eis o que ali houve, e eu vi uma batalha de roncões e soluços, e ali prepararam batalhões para o Carnaval — nunca, jamais "a grande festa do Rei Momo" — porem a grande insurreição armada dos soluços. (Extraído da Antologia de Carnaval, organizada por Wilson Louzada para as Edições Cruzeiro).

27. 2. 49